

SURDOCEGUEIRA

Luiza Angélica Paschoeto Guimarães¹

1- O que é Surdocegueira?

A Deficiência Múltipla é a expressão utilizada para denominar quando uma pessoa apresenta duas ou mais deficiências diferentes simultaneamente. Entretanto, a surdocegueira é uma deficiência sensorial única que se constitui pela perda completa ou parcial síncrona e significativa da visão e da audição. “Apesar do comprometimento dos dois sentidos, ela não deve ser vista como deficiência múltipla, uma vez que não ocorre o somatório das características das duas deficiências, mas gera uma condição única com necessidades específicas de comunicação” (BIGATE, 2022, p. 3).

A pessoa surdocega possui grande dificuldade quanto à adaptação ao ambiente e à aprendizagem de comportamentos socialmente aceitos, visto que a privação dos sentidos da visão e da audição simultaneamente dificultam a exploração do ambiente e as relações sociais são proporcionalmente menores. (SANTOS; EVARISTO, 2022, p. 13)

Para as autoras, o surdocego faz uso maior do tato, um sentido que exige maior proximidade com o outro e que na maioria das vezes não é fácil para ele, portanto, a interação com outras pessoas e o desenvolvimento do surdocego na sociedade é mais difícil, fazendo com que haja perda de estímulos mais comuns do convívio social.

A surdocegueira se classifica em congênita e adquirida. A surdocegueira congênita é aquela que a pessoa adquire durante a gestação ou após o nascimento, mas antes da aquisição de uma língua oral. A surdocegueira adquirida, ao contrário, ocorre após a aquisição e desenvolvimento de uma língua oral ou de sinais.

De acordo com a caracterização da surdocegueira, congênita ou adquirida, existem diferentes causas, como será exposto mais adiante. Antes serão explicitados os sintomas e características.

2- Sintomas e características

¹ Doutora em Educação (UCP), docente do UGB-FERP.

Por se tratar de uma síndrome e não uma doença, a surdocegueira não apresenta sintomas, apenas características.

É comum ainda hoje, que profissionais da saúde e da educação desconheçam o diagnóstico, classificando a pessoa surdocega como deficiente visual ou como deficiente auditivo. A combinação das duas deficiências sensoriais ocasiona problemas de comunicação e desconexão com o mundo, prejudicando o acesso à informação, à educação, ao trabalho, à vida social e às atividades sociais e culturais.

Por se tratar de uma população heterogênea, os surdocegos podem apresentar diferentes características, conforme o tipo de surdocegueira, se congênita ou adquirida. Entretanto, a comunicação da pessoa surdocega e a dificuldade de orientação e mobilidade são características comuns dos dois tipos de surdocegueira.

Falkoski (2017), citando Cambuzzi (2007), assinala que independentemente da classificação da surdocegueira (congênita e adquirida), podem ser encontrados surdocegos sem resíduos visuais ou auditivos; com surdez e baixa visão; com deficiência auditiva e baixa visão; e com deficiência auditiva e cegueira.

Entre as características mais comuns da surdocegueira congênita, destacam-se: “a dificuldade para estabelecer uma forma de comunicação, o isolamento, o comprometimento na interação social e os prejuízos na qualidade das iniciativas de contato” (LUPETINA, 2019, p. 40), características facilmente confundidas com o transtorno do espectro autista, mas que uma equipe multidisciplinar formada por diferentes profissionais da área da saúde e da educação é capaz de identificá-la com eficiência. E quanto maior é o grau das perdas sensoriais, maiores são as dificuldades apresentadas pelos surdocegos.

A surdocegueira congênita prejudica ainda mais as formas de comunicação, visto que por não terem contato com uma língua, as expressões e gestos naturais são mais difíceis de serem desenvolvidos, restando ao surdocego a utilização do olfato e do tato sem que tenha tido acesso a outras maneiras de se comunicarem, deixando-o sem uma referência sobre o ambiente, os objetos e as atividades de rotina que precisam ser realizadas. Em contrapartida, a surdocegueira adquirida, a qual o surdocego já teria adquirido alguma forma de comunicação, é possível que sejam conquistadas outras maneiras de se comunicar com o mundo, baseadas em línguas formais como a Libras (Língua Brasileira de Sinais) e o Braille.

Uma pessoa com surdocegueira adquirida apresenta uma condição diferente da surdocegueira congênita, tendo em vista que esse surdocego pode trazer resíduos de visão e/ou audição e ter sido capaz de enxergar e ouvir durante uma boa parte de sua vida, não tendo sido privado desses sentidos desde o nascimento como é o caso do surdocego congênito.

No entanto, a surdocegueira adquirida também afeta o desempenho da pessoa em suas atividades cotidianas, assim como prejudica as suas possibilidades de comunicação e interação com o ambiente. O surdocego dessa categoria deverá se adaptar a sua nova condição, precisando utilizar mais as suas capacidades táteis e olfativas, mesmo quando ainda apresenta resíduos de visão e audição. Além disso, há a possibilidade de contato com a língua de sinais tátil e com o Braille o que pode favorecer suas relações com o ambiente e permitindo que ele se relacione melhor com as pessoas a sua volta.

Citando Watanabe e Maia (2012), Maio e Freitas explicam que a surdocegueira adquirida permite que a pessoa apresente uma bagagem de conhecimentos prévios em decorrência de suas possibilidades de comunicação simbólica, o que viabiliza as relações interpessoais e a vida social. “Nesse caso, a interação com o mundo exterior é mediada por signos que possibilitam o diálogo, o compartilhamento de sentidos e significados”. Destacam, também, que os “desafios enfrentados por essas pessoas são a aceitação da deficiência e o aprendizado de novas formas de comunicação” (MAIO; FREITAS, 2020, p. 47).

3- Causas

As causas da surdocegueira depende do seu tipo, se congênita ou adquirida. A surdocegueira congênita pode ter como causas a Rubéola congênita, a Sífilis congênita, a AIDS, a Toxoplasmose e o Citomegalovirus que ocorrem no período pré-natal (durante a gestação). No período perinatal (durante o parto) as principais causas são a prematuridade, a falta de oxigênio e a ingestão de antibióticos ototóxicos. E no período pós-natal (após o parto) as possíveis causas são a Síndrome de CHARGE, a Síndrome de Wolfram ou Didmaos, a Meningite bacteriana e outras doenças infecciosas. De acordo com Rupetina (2019), a Rubéola congênita, que afeta a mãe durante a gestação pelo vírus da rubéola é a doença que mais gera surdocegos. Além dela, a Síndrome de CHARGE é responsável por diversas malformações congênitas,

que incluem malformações cardíacas, problemas respiratórios, dificuldade de deglutição, problemas urinários e déficits auditivos e visuais. A autora assinala também que CHARGE é uma sigla e corresponde a diversas anormalidades.

Rupetina (2019, p. 41) destaca que a Síndrome de WOLFRAM é uma anomalia cromossômica que “desencadeia alterações auditivas progressivas, retinose pigmentar, alteração vestibular, além de comprometimentos em outras partes do corpo, como o fígado e o coração”.

Outras doenças também podem causar a surdocegueira após o parto, entre as quais estão incluídas: “encefalites, meningites, diabetes, acidentes com traumas na região do ouvido e da visão, tumores, efeitos acumulativos do ambiente, como ruído e poluição” (GALVÃO, 2010, p.41 apud FALKOSKI, 2017, p. 41).

A surdocegueira adquirida pode ocorrer de diferentes modos com causas diversas. Há o surdocego que nasceu com surdez e perdeu a visão; nasceu com cegueira e perdeu a audição; ou perdeu a visão e a audição durante a sua vida, independentemente das características citadas, as causas da surdocegueira adquirida tem como causa algumas doenças ou síndromes. Do mesmo modo, a surdocegueira adquirida pode ocorrer pela idade avançada, associada ao envelhecimento. Falkoski (2017) destaca a síndrome de Usher. Trata-se de uma síndrome hereditária que se manifesta em pessoas surdas e que progressivamente perdem a visão, ocasionada pela Retinose Pigmentar ou por outras doenças.

Lupetina (2019), Citando Cader-Nascimento (2010) e Masini (2002,2011) destaca como causas da surdocegueira adquirida, o acidente vascular cerebral (AVC), a Diabetes Mellitus, a doença de Refsum, a Meningite, a Síndrome de Barder-Biedl, a Síndrome de Hallgreen, a Síndrome de Flynn-Aird, a Síndrome de Cockayne, a doença de Alstrom e a Síndrome de Usher, sendo esta última a mais comum entre elas. A autora destaca que a rubéola congênita ocupa o primeiro lugar entre as causas da surdocegueira no Brasil, com 60% dos casos e em segundo lugar a Síndrome de Usher com 25%, conforme levantamento realizado em 2004, em uma população de 583 surdocegos.

4- Mediação Pedagógica Docente no Ensino Superior

Como citado anteriormente, a principal dificuldade da pessoa com surdocegueira é a comunicação, pois é por meio da comunicação que o surdocego

interage com os outros e com seu ambiente. A impossibilidade de se comunicar gera o isolamento e compromete a qualidade das iniciativas de contato.

A surdocegueira é um grande desafio para quem lida com uma criança surdocega, considerando que é nos primeiros anos de vida que ela desenvolve a sua capacidade de produzir linguagem e de se expressar. Cabe aos familiares e educadores encontrarem meios para interagir com ela, a partir de procedimentos e recursos adequados, como a Língua de Sinais Tátil, a Língua de Sinais em campo reduzido, o Tadoma etc. (LUPETINA, 2029). Quanto mais estímulos táteis essa criança recebe, maior é sua possibilidade de frequentar a escola básica e possivelmente será capaz de chegar à educação superior. Neste estudo, serão explicitados alguns recursos que podem contribuir para a estimulação tátil que possibilitam a escolarização do surdocego.

A Língua de Sinais Tátil assemelha-se à Língua de Sinais (que no caso brasileiro se trata da LIBRAS) adaptada ao tato. “A pessoa surdocega mantém uma ou duas mãos sob a mão do guia-intérprete ou de outro surdocego, de maneira que a informação possa ser correspondida pelo tato” (LUPETINA, 2019, p. 58). A Língua de Sinais em campo reduzido é mais utilizada com pessoas que possuem algum resíduo visual. Neste caso, o guia-intérprete atua a uma distância que esteja dentro do campo visual do surdocego, isto é, em um campo espacial menor.

Outro recurso que pode ser utilizado é o Tadoma. Trata-se de um sistema de comunicação “que ocorre mediante percepção tátil das vibrações produzidas durante a emissão verbal. A mão costuma ser posicionada em formato de ‘L’ encostando nos lábios, queixo e parte do pescoço” (LUPETINA, 2019, p. 59).

Há também o Braille e o Braille Tátil. O primeiro refere-se ao uso na leitura e na escrita quando o surdocego já foi alfabetizado enquanto o segundo, diz respeito ao uso do Braille demonstrado nos dedos, na palma das mãos ou nos braços de modo que a pessoa sinta a escrita como meio de comunicação e é utilizado tanto com alfabetizados quanto com não alfabetizados.

A escrita na palma da mão é bastante utilizada por surdocegos já alfabetizados e é realizada com a escrita alfabética convencional, geralmente em letra maiúscula, conhecida nos meios educacionais por alfabetizadores como “letra bastão” ou “script maiúscula”. De acordo com Lupetina (2019), esse tipo de escrita pode ser realizado em outras partes do corpo, segundo a preferência do surdocego que mostra o local

de sua maior sensibilidade como, por exemplo, em braços e coxas. A autora ressalta que essa maneira de comunicação entre o guia-intérprete e o surdocego é comum com pessoas acometidas pela surdocegueira adquirida.

Outro meio de comunicação utilizado é a Língua oral ou Fala ampliada, entretanto esse tipo de linguagem só é possível em pessoa com surdocegueira adquirida e que possui algum resíduo auditivo.

Para que o surdocego tenha as condições necessárias para a sua escolarização de modo a alcançar a educação superior, faz-se necessário a utilização dos recursos aqui assinalados e tantos outros atualmente existentes. Faz-se necessário assinalar, que independentemente dos recursos utilizados, o importante é estimular o surdocego a desenvolver a sua aprendizagem para que receba a instrução formal.

Souza e Rocha, apresentaram no Congresso Brasileiro de Educação Especial, em 2018, um “estudo de caso com uma estudante surdocega no ensino superior”. Neste estudo, as autoras assinalaram a necessidade de um professor ou mediador capaz de transmitir as informações ao surdocego. Acerca do guia-intérprete as autoras ressaltam:

Durante os processos de transmissão da mensagem o guia-intérprete pode realizar um trabalho de transliteração ou de tradução-interpretação. No caso da transliteração, o guia-intérprete recebe a mensagem e transmite à pessoa com surdocegueira na mesma língua, porém utilizando uma forma de escrita acessível à pessoa; por exemplo, ouvindo a mensagem em Português e transmitindo para o Braille Tátil. Já no processo de tradução-interpretação o profissional recebe a mensagem em uma língua e a transmite em outra; por exemplo, ao ouvir uma mensagem em Português e transmitir para a Fala Ampliada em Inglês ou para a Libras Tátil. (SOUZA; ROCHA, 2018, p. 6).

Entretanto, as autoras destacam que a presença do guia-intérprete não é suficiente para garantir a aprendizagem do surdocego, uma vez que muitas questões envolvem o cotidiano acadêmico e que dependem da ação do professor. Este deve planejar adequadamente suas aulas, ter engajamento enquanto profissional com atitudes inclusivas e, quando possível, utilizar tecnologias assistivas.

O guia-intérprete é um componente fundamental na mediação entre o surdocego, o professor do ensino superior e a transmissão de informações. Para exercer sua função, necessita possuir formação específica e prática, com

conhecimentos dos recursos de comunicação. Também precisa ser capacitado para interpretar, descrever e ser um guia para a locomoção do surdocego.

O docente no ensino superior também pode ser um mediador, agindo como um instrutor-mediador entre a pessoa surdocega e o ambiente, devidamente treinado para que conheça as funções de seu papel.

Cormedi (2011, p. 102) apresenta algumas funções do instrutor-mediador, citando as orientações de Alsop e Mamer (2002), entre elas destacam-se:

- Facilitar o acesso à informação do ambiente escolar;
- Ampliar e tornar compreensível a informação;
- Promover o bem-estar social e emocional da pessoa surdocega;
- Desenvolver e manter uma relação interativa baseada na confiança, estabelecendo vínculos afetivos com a pessoa surdocega;
- Facilitar o desenvolvimento de conceitos; e
- Estimular a participação nas atividades.

Ressalte-se que o professor, enquanto um mediador, não substitui o guia-intérprete, mas necessita estar capacitado para este fim.

Por fim, é necessário destacar que para a pessoa surdocega conquistar sua autonomia nas situações de seu cotidiano, na educação formal e acadêmica, é preciso vencer as barreiras da comunicação e do isolamento e requer um nível elevado de instrumentalização para a aprendizagem. A atuação do professor da educação básica e do ensino superior, assim como a do guia-intérprete é fundamental para que isso ocorra.

5- Saiba Mais

Para saber mais acerca da Surdocegueira, leia:

COSTA, Maria da Piedade Resende da. RANGNI, Rosemeire de Araújo (Orgs.) **Surdocegueira: estudos e reflexões**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022 [e-book]. p. 11-36. Disponível em: <https://pedroejoaoeditores.com.br/produto/surdocegueira-estudos-e-reflexoes/>

[LUPETINA, Raffaella de Meneses. KELMAN, Celeste Azulay. MELO, Mário de Jesus Florindo de. Surdocegueira adquirida: o impacto dessa condição nas relações](#)

sociais do sujeito. Disponível em: <file:///C:/Users/55249/Downloads/739-Texto%20original-1897-1-10-20200330.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2024.

6- Referências

BIGATE, Thaís Ferreira. Surdocegueira adquirida e o ensino de Libras como segunda língua: relato de experiência. **Benjamin Constant**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 64, e286411, 2022. p. 1-21. Disponível em: <file:///C:/Users/55249/Downloads/854-Texto%20original-2594-1-10-20220929.pdf> Acesso em: 4 nov. 2024.

CORMEDI, Maria Aparecida. **Alicerces de significados e sentidos**: aquisição de linguagem na surdocegueira congênita. Tese (Doutorado em Educação) Universidade de São Paulo/Faculdade de Educação. São Paulo, 2011. Disponível em: <https://repositorio.minedu.gob.pe/handle/20.500.12799/1656> Acesso em: 4 nov. 2024.

FALKOSKI, Fernanda Cristina. **Análise do processo de comunicação de pessoas com surdocegueira congênita a partir da produção e do uso de recursos de comunicação alternativa**. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal do Rio Grande do Sul/Faculdade de Educação/Programa de Pós-graduação em Educação, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/165681/001045750.pdf?sequence=1> Acesso em: 4 nov. 2024.

MAIO, F.S.; FREITAS, Ana Paula de. Reflexões sobre a surdocegueira à luz da perspectiva histórico-cultural. In: EDITORA POISSON (Org.). **Educação especial e inclusiva**. Belo Horizonte: Poisson, 2020. 1. ed. v. 45. p. 46-55. Disponível em: <https://poisson.com.br/2018/produto/serie-educar-volume-45-educacao-especial-e-inclusiva/> Acesso em: 4 nov. 2024.

LUPETINA, Raffaella de Menezes. **Rompendo o silêncio**: história de vida de indivíduos com surdocegueira adquirida. Tese (Doutorado em Educação) Universidade do Estado do Rio de Janeiro/ Centro de Educação e Humanidades/Faculdade de Educação. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://www.bdtd.uerj.br:8443/handle/1/16557> Acesso em: 4 nov. 2024.

SANTOS, Keisyani da Silva. EVARISTO, Fabiana Lacerda. Mapeamento da produção científica sobre surdocegueira no Brasil. In: COSTA, Maria da Piedade Resende da. RANGNI, Rosemeire de Araújo (Orgs.) **Surdocegueira**: estudos e reflexões. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022 [e-book]. p. 11-36. Disponível em: <https://pedrojoaoeditores.com.br/produto/surdocegueira-estudos-e-reflexoes/> Acesso em: 4 nov. 2024.

SOUZA, Lara Contijo de Castro. ROCHA, Terezinha Cristina da Costa. Acessibilidade e interação em sala de aula: estudo de caso com uma estudante surdocega no ensino superior. **Congresso Brasileiro de Educação Especial**. Belo Horizonte:

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), 2018. Disponível em:
<http://hdl.handle.net/1843/68582>. Acesso em: 4 nov. 2024.